

# O CORPO COMO REFERÊNCIA PARA A CATEGORIZAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE DE CONSTRUÇÕES COM VERBOS DE PERCEPÇÃO

*Leosmar Aparecido da SILVA (PG/FL/UFG)<sup>1</sup>*

*Orientadora: Vânia Cristina CASSEB-GALVÃO (FL/UFG)*

## 1 Introdução

Numa visão tipológico-funcional, as línguas existem para cumprir determinadas funções e, como tal, é previsível que os falantes desenvolverão gramáticas que são altamente eficazes na efetivação dessas funções. Segundo Whaley (1997), os falantes de todas as línguas possuem, em sua experiência com a realidade, a necessidade de fazer uso da língua para fazer perguntas, repreender o mau comportamento, divertir amigos, fazer comparações, enunciar fatos e falsidades. Nesse sentido, sob a pressão das mesmas tarefas comunicativas, as línguas desenvolvem suas gramáticas de tal forma que exibem similaridades entre si.

Assim, partindo dessa assertiva tipológica e funcional e também da consideração cognitivista de que o sistema conceptual humano é fundamentado em suas experiências cotidianas, a proposta desta pesquisa é verificar como o corpo, partes do corpo ou a remissão por inferência ao corpo serve de referência para categorizar e construir significados nas línguas. É também objetivo deste trabalho verificar o *status* categorial dos verbos de percepção *ver* e *olhar* no português goiano, dialeto do português brasileiro.

## 2 Material e métodos

Utilizando-se do método tipológico e do método funcional, que estabelece diálogo com a teoria dos protótipos, com a lingüística cognitiva e com a gramaticalização, tentaremos responder a pergunta de pesquisa já elucidada na introdução: como o corpo, partes do corpo ou a remissão por inferência ao corpo serve de referência para construir significados nas línguas naturais, em especial em construções verbais do Português do Brasil, ora mais prototípicas, ora menos

---

<sup>1</sup> Aluno do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Goiás – UFG. Professor da Faculdade de Letras da UFG. [leosmarsilva@hotmail.com](mailto:leosmarsilva@hotmail.com)

prototípicas? Como as categorias linguísticas são fluidas, um estudo sobre categorização também precisa ser realizado.

A pesquisa faz parte de um projeto maior chamado *Fala goiana*, que visa a descrever o português falado no estado de Goiás, assim como faz o projeto *Nurc* em várias capitais brasileiras. O projeto *Fala goiana* é coordenado pela professora Vânia Cristina Casseb-Galvão, orientadora deste trabalho. Já foram feitas algumas entrevistas, nas quais veremos, primeiramente, as ocorrências dos verbos *ver* e *olhar*. Depois, procuraremos estabelecer um *continuum* semântico e sintático da abstração desses verbos e tentaremos provar que, ao contrário do que pensa a linguística estruturalista de Saussure, na língua não se verificam apenas diferenças, mas gradualidades; e que aquilo que parece arbitrário é, em verdade, motivado por fatores relacionados às experiências com o corpo e a aspectos culturais.

### **3 Resultados e discussão**

O trabalho de pesquisa ainda está em andamento. Em vista disso, não temos ainda resultados propriamente ditos. Já fizemos alguns estudos teóricos e uma análise preliminar dos dados coletados. Em relação aos estudos teóricos, temos algumas considerações sobre a categorização linguística, a linguística cognitiva e a teoria dos protótipos dos quais falaremos brevemente a seguir.

Para Givón (1989), pelo menos três modelos de categorização se destacam: o clássico, o de Wittgenstein e o dos protótipos.

O modelo clássico concebe que as categorias são discretas e absolutas, ou seja, para ser membro de uma categoria, é preciso que determinado elemento tenha certas propriedades que são necessárias e suficientes.

Já o modelo de categorização proposto por Wittgenstein concebe que as categorias não são nem discretas nem absolutas, mas relativas e contingentes. Essas propriedades as tornam dependentes do contexto (do uso, da proposta, do ponto de vista, do esquema geral). Segundo Givón (1989, p. 37), de acordo com esse modelo, os membros de uma categoria fazem parte de um *continuum*, são concebidos em termos de graus e relacionam-se entre si por meio de semelhança de família.

Givón (1989, p. 38) reconhece que ambas as abordagens de categorização apresentam importantes aspectos da formação de uma categoria na cognição, na língua e no comportamento. Para ele, há, de fato, certa medida de discretude em

nossa organização perceptual, conceptual e linguística, mas, se o mesmo fenômeno for estudado com cuidados especiais, há também evidências de não discretude, escalaridade e relatividade contextual no tratamento das categorias e de regras que governam sua aplicação. Nesse sentido, se faz necessária uma terceira abordagem, que seria uma solução híbrida para o problema da categorização: a teoria dos protótipos. Para essa abordagem<sup>2</sup>, os protótipos semânticos reconhecem um espaço categorial não discreto tanto **dentro** como **entre** as categorias.

Recentes estudos da linguística cognitiva mostram que, embora algumas de nossas categorias se encaixem no modelo clássico, a maioria delas difere na medida em que elas envolvem estruturas imaginativas de compreensão, tais como esquemas, metáforas, metonímias e imagens mentais. Assim, as categorias seriam formadas na base dos modelos cognitivos estruturados imaginativamente por meio de **um esquema de imagem e projeções metafóricas**.

Para Johnson (1987, p. xv), a **verticalidade** seria um exemplo de esquema de imagem. Tal esquema emerge de nossa tendência em empregar uma orientação UP-DOWN na escolha de estruturas significativas de nossa experiência. Em diversas atividades cotidianas, as pessoas experienciam e percebem a noção de verticalidade: observar uma árvore, ficar em pé, subir escadas, medir a altura das crianças, observar o nível de água aumentando na banheira. Assim, o esquema da verticalidade é uma estrutura abstrata dessas experiências, imagens e percepções.

As experiências corpóreas com a noção de verticalidade podem ser metaforizadas. Segundo Johnson (1987, p. xv), a metáfora, concebida como processo cognitivo, projeta modelos de um domínio de experiência para estruturar outro domínio de um tipo diferente. Ela é uma das principais estruturas cognitivas por meio da qual somos capazes de ter experiências coerentes e ordenadas. É por meio dela que podemos raciocinar sobre e dar sentido a.

Em relação à categorização linguística, com base na teoria dos protótipos, quanto mais uma construção é metafórica e/ou abstrata, mais ela se afasta das propriedades que definem o protótipo de sua categoria e, já abstrata, começa a desempenhar funções gramaticais e/ou discursivas como fazem os verbos auxiliares, os marcadores discursivos.

---

<sup>2</sup> Segundo Givón, entre os linguistas, a teoria dos protótipos é estudada por Lakoff (1973, 1977); Lakoff and Johnson (1980); Ross (1972, 1973, 1974); Givón (1982<sup>a</sup>) e outros. A teoria é forte também entre os psicólogos cognitivistas e entre os antropólogos.

Uma análise ainda superficial dos dados foi feita em cinco inquéritos de língua falada. Nesses inquéritos, foram registradas 50 ocorrências do verbo *ver* e 24 ocorrências do verbo *olhar*.

Dentre as ocorrências do verbo *ver*, alguns assumem um estatuto de verbo pleno, quando apresentam como objeto uma realidade física, como em (1):

(1) *a emoção de **ver** a praia... pela primeira vez... pela segunda vez... em Caldas o/as piscinas e as pessoas que eu fui com um grupo de amigos. (FG, LRON, F, 22, S)*

Outros assumem um estatuto categorial vago, a que Castilho (2010, p. 70) chama de *categorias quase* por apresentarem limites imprecisos (*fuzzi edges*):

(2) *dexa ele lavá a senhora que a senhora vai **vê** só... (FG, F, 36, EF)*

(3) *Precisa [jogar isso na cara] pra você acordá... prá **ver** se aprende a crescer. (FG, LRON, F, 22, S).*

Outros ainda assumem funções discursivas, que funcionam, no texto, como estabelecadores da interação com o ouvinte. Não teria uma função lexical, mas uma função de lançar novas ideias no texto (função catafórica), ao mesmo tempo que chama a atenção do interlocutor para a relevância da sequência narrativa que aparecerá depois desse marcador discursivo. Vejamos:

(4) *agora **vê**... o ladrão entro lá mas eu tava chegando NE... es entro e saiu rapidim... foi à noite. (FG, IPS, F, 57, 0).*

Das 24 ocorrências do verbo *olhar*, 4 apresentaram sentido mais ou menos pleno e 20 podem ser consideradas marcadores discursivos. Vejamos alguns dos usos mais plenos, mais próximos do núcleo prototípico.

(5) *você vai ter que **olhar**... porque vai ser responsabilidade sua...(FG, F, 36, EF)*

(6) *a gente ficô na casa duma colega da minha mãe que **olhava** a gente. (FG, F, 36, EF)*

(7) *nóis ia pa escola né... enquanto minha mãe ficava **olhando** as meninas. (FG, APS, F, 33, EF).*

As outras ocorrências podem ser consideradas abstrações dos usos mais ou menos plenos, os quais foram categorizados como marcadores discursivos, cuja função principal é ser o iniciador de um segmento tópico. Vejamos.

(8) *olha... as coisas não são assim. (FG, F, 36, EF).*

(9) *olha... engraçado não foi né... mas foi diferente. (FG, F, 36, EF).*

#### 4 Considerações finais

Os primeiros dados dessa pesquisa revelaram-nos que tanto o verbo *ver* quanto o verbo *olhar* apresentam usos mais próximos do protótipo - um sujeito

experienciador que realiza a ação de enxergar, observar uma realidade física – e usos que, por serem mais abstratos, assumem funções na gramática – introdutor catafórico de uma sequência – e funções discursivas – focalizador de uma sequência narrativa.

Pode-se dizer que esses usos fazem parte de um *continuum* que parte de usos mais concretos, lexicais para usos mais abstratos, gramaticais/discursivos. Nessa trajetória, o elemento que fazia parte da classe dos verbos desagrega dessa categoria e passa a desempenhar funções textuais, na interação. Há, portanto, afastamento do núcleo prototípico, contudo, a noção de corporeidade está implicada em ambos os usos. *Ver* e *olhar* são ações perceptivas realizadas por uma parte do corpo. Quando se *olha* ou *vê*, outras ações adjacentes são realizadas como *observar*, *responsabilizar-se*, *vigiar*. Esse acúmulo de ações realizadas em conjunto no dia-a-dia pode ter contribuído para o processo de mudança semântica e sintática dos verbos analisados. Resultados mais precisos serão apresentados quando a pesquisa for totalmente concluída.

## Referências

- CASTILHO, A. T. de. *Gramática do Português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- GIVÓN, T. *Mind, code and context: essays in pragmatics*. London: Lawrence Erlbaum Associates, 1989.
- \_\_\_\_\_. Prototypes: between Plato and Wittgenstein. In: CRAIG, Colette (org.). *Typological studies in language*. Vol. 7. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1986.
- JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily bases of meaning, imagination, and reason*. The university of Chicago Press, London, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Metáforas da vida cotidiana*. [coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto]. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. Perplexidades e perspectivas da linguística na virada do milênio. In: *Língua, linguística e literatura*. Vol. 3, n° 1. João Pessoa, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- ROST-SNICHELOTTO, Claudia Andrea. Os marcadores discursivos nas línguas românicas: (macro) funções textuais e interacionais. *Interdisciplinar*. V. 6, n. 5. Jul/Dez, 2008. p. 109-130.